

a urgência da teoria

Homi K. Bhabha | Marc Ferro | Mehdi Belhaj Kacem
Miguel Vale de Almeida | Daniel Miller | Bernard Stiegler
Paul Gilroy | Andy C. Pratt | Paul D. Miller
Filipe Duarte Santos | Pedro Magalhães
Antonio Cicero | Danièle Cohn

**o estado
do Mundo**



LISBOA:
TINTA-DA-CHINA
MMVII

Índice

TRADUÇÃO:
Daniel Miller, Homi K. Bhabha e Paul Gilroy: Catarina Mira
Bernard Stiegler e Mehdi Belhaj Kacem: Fátima Ferreira
Paul D. Miller: Inês Fialho Brandão
Marc Ferro e Danièle Cohn: Maria Helena Reis
Andy C. Pratt: Maria João Ferro

REVISÃO:
Raul Lourenço
REVISÃO LINGUÍSTICA:
Rute Costa
AGRADECIMENTOS:
Maria Cardeira da Silva e Rute Costa
COMPOSIÇÃO:
Tinta-da-china
CAPA:
Tinta-da-china
(Imagem © Getty Images)

1.ª edição: Setembro de 2007
ISBN: 978-972-8955-37-3
Depósito legal: 263365/07

Edições tinta-da-china, Lda.
Rua João de Freitas Branco, 35A
1500-627 Lisboa
Tels.: 21 726 90 28/9 | Fax: 21 726 90 30
E-mail: tintadachina@netcabo.pt

Fundação Calouste Gulbenkian
Avenida de Berna, 45-A
1067-001 Lisboa
www.gulbenkian.pt/estadodomundo

APRESENTAÇÃO, Emílio Rui Vilar 9

A URGÊNCIA DA TEORIA:

CONCLUSÕES, António Pinto Ribeiro 11

Ética e Estética do Globalismo:

Uma Perspectiva Pós-Colonial, Homi K. Bhabha 21

O Ressentimento na História:

Um Passado mais Presente que o Presente, Marc Ferro 45

Niilismo e Democracia, Mehdi Belhaj Kacem 59

Da Diferença e da Desigualdade:

Lições da Experiência Etnográfica, Miguel Vale de Almeida 75

Sociedades muito Grandes e muito Pequenas, Daniel Miller 109

Tomar Cuidado: Sobre a Solicitude no Século XXI, Bernard Stiegler 143

Multicultura e Convivialidade na Europa Pós-Colonial, Paul Gilroy 167

O Estado da Economia Cultural:

O Crescimento da Economia Cultural

e os Desafios da Definição de uma Política Cultural, Andy C. Pratt 189

Estranho / Desfiado, Paul D. Miller 219

Sustentabilidade, Cultura e Evolução, Filipe Duarte Santos 245

A «ciência» da Ciência Política, Pedro Magalhães 265

Da Atualidade do Conceito de Civilização, Antonio Cicero 289

As Artes, o Verdadeiro e o Justo, Danièle Cohn 315

BIOGRAFIAS 335

Apresentação

UM DOS PRINCIPAIS PROPÓSITOS DO FÓRUM CULTURAL *O Estado do Mundo* era aprofundar o conhecimento e suscitar um debate informado sobre as questões da contemporaneidade, cujas complexidade, incerteza e conflitualidade são evidentes, mas que surgem geralmente descritas através de fórmulas enviesadas e redutoras ou de *clichés* declinados pela pressão das exigências mediáticas.

Assim, o Fórum iniciou-se com a publicação de um livro de ensaios e uma conferência do Professor Homi K. Bhabha, sob o título «Ética e Estética do Globalismo: Uma Perspectiva Pós-Colonial», que marcaram o registo de exigência intelectual e crítica, projectaram interrogações e abriram pistas para o desenvolvimento subsequente do programa, em que conviveram pensamento, criação e experimentação.

Além da conferência inaugural de Homi Bhabha, os textos agora reunidos sob o título *A Urgência da Teoria* correspondem às conferências proferidas no ciclo de lições por um conjunto de personalidades vindas de diferentes áreas de saber, mas com o denominador comum da qualidade académica e científica, e que tornaram o conjunto intensamente actual do ponto de vista teórico e prático.

Particularmente gratificante foi a interacção com professores e estudantes, que resultou na inclusão da temática de *O Estado do*

Mundo nos programas curriculares de licenciatura, mestrado e pós-graduação de quase uma vintena de instituições do ensino superior.

Em síntese, poderá afirmar-se que importa buscar soluções teóricas para as crises do tempo presente baseadas numa outra Educação, noutra papel dos intelectuais, na negociação cultural, num entendimento diferente dos modos de criação artística, na valorização do papel dos públicos, que se devem diferenciar da postura meramente «consumidora», e que é possível uma resposta filosófica e política para o niilismo contemporâneo.

EMÍLIO RUI VILAR

Julho de 2007

A Urgência da Teoria: Conclusões

A PRESENTE OBRA REÚNE O TEXTO DA CONFERÊNCIA INAUGURAL DE *O Estado do Mundo*, realizada por Homi K. Bhabha a 12 de Outubro de 2006, com que se iniciou a Plataforma 2 deste Fórum Cultural, e treze Grandes Lições do ciclo *A Urgência da Teoria*, realizadas entre os dias 18 de Maio e 2 de Junho de 2007.

Ao conjunto de todos os textos reunidos neste volume, decidimos atribuir o título de *A Urgência da Teoria*. Esta opção prende-se com o facto de este ciclo ser uma realização que se apropria do espaço público como espaço privilegiado para a apresentação e discussão de teses ou aporias que questionem as múltiplas dimensões das sociedades contemporâneas, dos seus actores, das suas práticas, dos seus desejos, e desde o início constituiu um dos principais propósitos. Tal apropriação é a razão substancial para a realização deste Fórum Cultural.

Para este conjunto de grandes lições eruditas e não opinativas — dada a qualidade teórica e o prestígio intelectual das personalidades convidadas — solicitou-se a apresentação de lições que correspondessem aos campos de saber dos seus autores e aos seus trabalhos de investigação mais recentes. Abertas a todos os interessados, elas contaram, à partida, com um público constituído por todos os estudantes e professores de todas as instituições de ensino que, em Lisboa, decidiram, desde o início do ano lectivo de 2006/07, integrar na parte curricular das suas licenciaturas, pós-graduações e mestrados,

temas relacionados com *O Estado do Mundo*. O resultado foi, do nosso ponto de vista, a apresentação e a conseqüente disseminação de um conjunto vastíssimo de ensaios cuja actualidade epistémica muito contribuiu para que se possa fazer uma outra abordagem, mais rica, dos enigmas das sociedades contemporâneas. Para todos os que com particular empenho estiveram presentes vão os nossos mais calorosos agradecimentos.

A conferência apresentada por Homi K. Bhabha, intitulada «Ética e Estética do Globalismo: Uma Perspectiva Pós-Colonial», serviu de introdução a muitos dos auditores, para quem a temática das questões derivadas do pós-colonialismo era escassa ou inexistente. Como tal, o texto inicia-se reafirmando aquela que é uma premissa dos estudos pós-coloniais, a saber, a importância da dimensão biográfica na constituição de um discurso, a importância política da biografia. Esta premissa serviu, aliás, para desconstruir criticamente os autores que, segundo Homi Bhabha, desconsideram o efeito perverso da globalização e advogam «o poder suave» dos mercados globais, considerando que a globalização permite a cada um escolher a sua identidade, esquecendo-se, segundo o autor, que podemos escolher, em parte, o nosso futuro, mas não escolher o nosso passado cultural e biográfico. Aqui, inicia-se a dimensão ética da negociação de cada um com o seu passado. A esta dimensão ética particular Homi K. Bhabha, referenciando Amartya Sen, apontou a «dúvida global» como uma ética essencial das políticas de inclusão. A mesma dimensão ética e a estética foram tratadas a partir da ideia do cosmopolitismo vernáculo, um instrumento novo decorrente da experiência global das minorias nacionais e da diáspora, que é o instrumento eficaz de integração, por ser aberto a todos na base do «direito à diferença em igualdade» e assim responder de forma eficaz à hegemonia da globalização.

Marc Ferro, na sua lição «O Ressentimento na História», assinala as manifestações do ressentimento, os seus modos de emergência, os seus efeitos ao longo da História. Partindo do legado de Nietzsche e de Max Scheler, analisa o ressentimento fazendo deslocá-lo de fenómeno individual para colectivo, demonstrando que afecta da mesma maneira grupos, nações ou comunidades inteiras, e que a sua detec-

ção é mais intangível do que a luta de classes ou o racismo, porque, entre outras razões, permanece latente e pode interferir tanto com estes como com o nacionalismo ou outros fenómenos. Citando múltiplos exemplos de casos de ressentimento social, em particular da história do século xx, Marc Ferro enuncia como sendo um corolário o facto de os actos e as acções dos indivíduos ou da sociedade também não serem unívocos, e que o seu sentido pode inclusivamente mudar, em caso de necessidade, como testemunharia o percurso de muitos homens políticos, de Talleyrand a Mussolini ou a Mitterrand.

Em «Niilismo e Democracia», Mehdi Belhaj Kacem afirma que não há exterior ao sistema, mas que é possível criar novas abordagens ao sistema e à arqueologia da sua interpretação. Nessa espécie de janela que se abriu para todos os que o puderam ouvir numa lição densa e inovadora de filosofia contemporânea, Mehdi Belhaj Kacem refere a necessidade de nomear de novo os novos acontecimentos — o neopaganismo na tecnologia audiovisual e nas artes (o artista Matthew Barney é um exemplo), a noção sacrificial contida na defesa do desconstruccionismo, a possibilidade de uma nova metafísica depois da morte de Deus. Parte da solução — na filosofia — é a ultrapassagem do niilismo pelo trágico, afirma aquele que reivindica ser um filósofo de extrema-esquerda, discípulo de Alain Badiou, estudioso obsessivo de Nietzsche, Heidegger, Espinosa (que não cita, mas que muito leu), Marx e Freud, que é imperativo ler — afirma-o várias vezes —, pela importância que o capital e o sexo adquirem no horizonte próximo da nossa contemporaneidade. Uma outra questão central é abordada neste texto: como é possível — se o é — conciliar a vivência do absoluto sem que isso se traduza no totalitarismo?!

Na sua lição «Da Diferença e da Desigualdade: Lições da Experiência Etnográfica», o antropólogo Miguel Vale de Almeida, partindo da experiência concreta de um texto de uma imigrante que se identifica desde o início como ucraniana à procura de emprego, questiona tanto os velhos como os novos códigos de justaposição entre desigualdade e diferença. O antropólogo reclama a urgência de descolonizarmos e desnacionalizarmos as categorias com que «outrificamos» os imigrantes e definimos, hoje, a diferença. Etnia, raça, língua e nacionalidade são conceitos historicamente carregados de

um colonialismo conceptual que impingem à diferença, no momento da sua designação, a assimetria e a desigualdade. Aplicando a sua tese a um caso mais singular — a ideia da lusofonia e do lusotropicalismo que nos confortam o «nós» —, Miguel Vale de Almeida questiona as nossas auto-representações, mas também as dos «outros» — sem paternalismos —, que, para deixarem de o ser, não poderão entrar no jogo da incorporação das categorias culturais reificadas e portadoras da desigualdade com que são pensadas.

Em «Sociedades muito Grandes e muito Pequenas», Daniel Miller questiona a própria prática da antropologia contemporânea, propondo-se demonstrar que a versatilidade na antropologia é um instrumento particularmente eficaz para a análise do estado do mundo. Para tal, segundo o autor, bastará transaccionar os termos e enfoques habituais da disciplina, e pensar o mundo, agora, a partir do indivíduo, com a sua idiosincrasia global (o sexo e a religião a serem mais entendidos como píxeis de uma pintura global feita de variações interpretativas do que como regiões num mapa paroquial), e pensar o indivíduo como uma pequena sociedade, com as suas regras e padrões, com as suas práticas sociais, sexuais, religiosas e económicas. O método de abordagem proposto por Daniel Miller é o de uma perspectiva antropológica em dois sentidos: uma abordagem do estado do mundo desenvolvida de cima para baixo e uma perspectiva sobre o indivíduo desenvolvida de baixo para cima, sem que em qualquer um dos casos se rejeite o estudo cumulativo das tradições sociais e culturais.

A lição «Tomar Cuidado», de Bernard Stiegler, inicia-se com uma certa arqueologia do saber produzido por Michel Foucault e Peter Sloterdijk no âmbito das análises políticas e históricas do Estado burguês e do *Welfare State*. O cuidado vem-se transformando em disciplinas constrangedoras por parte do Estado, enquanto o modelo importado do *american way of life*, segundo o autor, não pode durar muito, por se ter tornado insustentável para três milhões de seres humanos que entraram na modernização. Evocando Primo Levi e o final da sua obra *Se Isto é um Homem*, Bernard Stiegler apela a uma nova forma de educação centrada na construção da atenção, na mnemotécnica da «letra» recorrendo aos aparelhos digitais, a única capaz de actua-

lizar o «tomar cuidado» na sociedade contemporânea, em particular na Europa.

Da lição de Paul Gilroy, subordinada ao título «Multicultura e Convivialidade na Europa Pós-Colonial», realça-se a necessidade urgente em combater a ignorância, de modo a que esta não preencha o espaço vazio que cresce todos os dias. Por outro lado, é preciso resistir à privatização da Educação e criar redes de confiança. A tese central assenta na noção de convivialidade, que não é apenas a de um convívio entre parceiros, mas a da coabitação entre diferentes, com todas as tensões e conflitos que tal coabitação pressupõe. Mas a grande questão não é só a da convivialidade, que, a acontecer, é em si um bem. O que fica por resolver é saber em que sociedade se supõe que esta convivialidade seja exequível. Um dos embaraços do pensamento contemporâneo tem sido o de, ao mesmo tempo que se recusa o modelo actual e injusto das sociedades contemporâneas, ser capaz de equacionar outro modelo de sociedade. Parece que estamos «à porta» do enunciado, mas é difícil abri-la. Para tanto, é necessário redescobrir com premência um novo valor para a prática do distanciamento sistemático das nossas próprias culturas de origem.

Andy C. Pratt afirma na introdução ao seu texto «O Estado da Economia Cultural: O Crescimento da Economia Cultural e os Desafios da Definição de uma Política Cultural» que é urgente reflectir sobre a questão da política cultural no século XXI. Recusa os modelos tradicionais, que já não funcionam devido ao carácter mutável da economia e da cultura contemporânea, e também recusa o que tem sido o modelo operativo de análise cultural proveniente da Escola de Frankfurt. Andy C. Pratt propõe uma alteração no modo de relacionamento com a cultura, mais focado no consumidor, tendo em particular consideração as novas estratégias de criatividade que alteraram o modo de produção cultural e de difusão. Tais alterações terão implicações directas na governação política, no novo tipo de relação dos produtores com os artistas e numa abordagem diferente ao comércio cultural. Entre as várias recomendações que faz, destacam-se: um novo sistema de segurança social compatível com os tempos ocupados pelos artistas, assim como pelos produtores culturais, e a necessidade de formar «tradutores» capazes de

fazerem entender, junto dos governos e das organizações, o modo actual de criação artística.

Paul D. Miller, no seu artigo intitulado «Estranho/Desfiado», propõe-se escrever uma reflexão circular sobre a condição da arte e sua interacção com o mundo real, que resulta num ensaio híbrido e não linear. Nele, o autor faz uma incursão por conceitos tão diversificados como realismo conceptual, arte conceptual e ecologia visual, ou ainda «realismo próstético» e realidade virtual, dissertando sobre a relação entre movimento, som, memória, pensamento e percepção, e baseando-se em autores tão diversificados como Hegel, Dubois, Freud, Artaud e Derrida, num tipo de narrativa que muito se aproxima de uma estrutura de *samples*.

Na comunicação intitulada «Sustentabilidade, Cultura e Evolução», Filipe Duarte Santos aborda o conceito de sustentabilidade, que, segundo o autor, é um dos conceitos mais debatidos no século XXI, por acreditar, tal como menciona na sua introdução, que há muitos motivos para suspeitar que o actual paradigma do crescimento económico, social e ambiental é, a médio e a longo prazo, insustentável. A sua preocupação central é o ambiente, os discursos ambientais, bem como o poder desses discursos sobre a sociedade quando fundamentados no conhecimento, adquirindo assim uma relação estreita com o poder político (Foucault, 1980). Partindo desse pressuposto, Filipe Duarte Santos identifica dois tipos de discurso: o dos limites ou o da sobrevivência e o prometeano. O primeiro discurso desenvolve-se em torno da ideia de que o paradigma actual do crescimento conduz a uma saturação dos recursos e interfere de forma insustentável sobre os sistemas terrestres. O segundo discurso resulta da ideia de que existe a «possibilidade de procurar, encontrar e produzir recursos alternativos, por meio de processos de transformação da matéria bruta, na qual a natureza está incluída». Para o autor, o maior desafio do discurso do desenvolvimento sustentável é conseguir aumentar a qualidade de vida nos países em desenvolvimento, sem «provocar interferências antropogénicas perigosas sobre os sistemas terrestres e sobre o ambiente em geral». Conclui, questionando-se sobre a preparação da humanidade para responder aos novos desafios ambientais, interpretando o processo evolutivo que conduziu ao aparecimento do *Homo sapiens*.

Pedro Magalhães, na sua comunicação «A «ciência» da Ciência Política», começa por assumir que o estudo da política é uma ciência, independentemente das questões ora levantadas pelos protagonistas das ciências duras, ora por aqueles que preconizam a existência de uma divisão séria entre conhecimento científico e não científico. Diferenciando a ciência política da idealização que se faz das práticas científicas baseadas nas ciências naturais, o cientista político reivindica a noção de «pluralismo realista» — múltiplas estratégias diferentes — para abordar os enigmas da realidade política. Credo numa ciência política realista, Pedro Magalhães considera que esta contém em si estratégias e métodos que, não evitando as inferências subjectivas, conseguem explicar a realidade política, distinguindo-se nisso do senso comum, das opiniões e da *doxa* política que se tenta sobrepor a uma ciência política.

Antonio Cicero, na sua intervenção «Da Atualidade do Conceito de Civilização», retoma o conceito de civilização julgado inoperativo pela etnologia e a antropologia contemporâneas, não fora o mesmo trazido à lide pela obra de Samuel Huntington *O Choque das Civilizações* (1996), pelo discurso político do Governo americano e dos seus aliados mais conservadores para justificar a invasão do Iraque. Cicero, crítico de Huntington, faz nesta comunicação uma história do conceito de civilização e das suas implicações nos binómios civilização-cultura e civilização-natureza referindo Montaigne, Descartes, Schiller, Lévi-Strauss. A este propósito, centra-se na evolução dos conceitos de civilizado, selvagem e bárbaro, analisa a valorização dos mesmos na história cultural mais recente, negando radicalmente o relativismo cultural. Conclui, demonstrando a construção cultural que sustenta a argumentação da crença baseada na razão ou na verdade religiosa e, finalmente, desloca a utilização dos termos civilizado, selvagem e bárbaro — substantivos abstractos — para o modo de agir das instituições.

A prelecção de Danièle Cohn incide sobre o tema «As Artes, o Verdadeiro e o Justo». O teor da sua intervenção está patente na síntese fornecida: «A arte contemporânea joga muitas vezes com os extremos, e o desgosto é, umas vezes, considerado um mal necessário ou uma possibilidade de gozo. Mas, na verdade, nós continuamos a

acreditar que as artes nos tornam melhores e mais felizes. Que laços existem entre a arte e a moral? Há uma verdade artística?» A autora faz uma crítica à estetização do sofrimento que conduz à sua banalização; refere-se à piedade como uma pré-orientação do gosto, ao desgosto como uma tensão em relação à representação do mundo. Apresenta algumas obras (*Laocoonte*, etc.) para as questionar, com base na mais problemática das afirmações, tendo em consideração a arte contemporânea: «a finalidade da arte enquanto forma de nos permitir aceder à beleza».

ANTÓNIO PINTO RIBEIRO

LIÇÕES

um carácter rítmico, o ritmo da relação, do movimento entre os pólos: Warburg, ao dizer entre identificação com o objecto e retorno à *sophrosunè*, querera dizer que entre forma e empatia significaria entre duas relações consigo? O *Schein* apolíneo, também ele categoria da embriaguês, uma embriaguês que, e continuo a citar *O Crepúsculo dos Ídolos*, «produz antes de mais a estimulação do olho, que dá ao olho a faculdade da visão», não é uma astúcia para enganar, fala da confiança que é preciso ter. Falando de Goethe, Nietzsche diz ainda: «Um tal espírito *libertado* surge no centro do universo num fatalismo feliz e confiante, com fé em que só é condenável o que existe isoladamente e que, no conjunto, tudo se resolve e se afirma [...]». Sob a forma mítica — contos e lendas da beleza —, o rouxinol interessa-nos para irmos mais além. Parte arcaica, o rouxinol conserva a sua história antiga. O seu canto reforça os laços das musas com Mnemosine, sua mãe, e lembra a presença de Dionisos (o aulo que é a ideia musical, e isto até Stravinsky) no seio da serenidade apolínea. Pássaro nocturno, canta nos bosques, voz escondida que faz correr as lágrimas, mas lágrimas benfazejas, uma vez que derretem a dureza dos corações. As lágrimas da dor misturam-se às lágrimas da redenção. A salvação concedida pelo dom faz desaparecer os espectros que atormentam as nossas noites. Música desejada por uma razão inquieta, o rouxinol, fórmula do *pathos* das Luzes, traz de volta ao coração a racionalidade inteligente, numa nostalgia que lhe dá a sua força utópica.

Já não se trata de converter o desagrado em beleza através da piedade, mas de afastar os espectros que trazemos em nós graças à realidade de uma obra de arte: a melodia do rouxinol vivo é arte, uma arte em que podemos ter confiança porque não nos decepciona. Longe de termos de nos desprender da emoção que suscita, é necessário ver nela a pedra-de-toque da consistência da música.

BIOGRAFIAS

EMÍLIO RUI VILAR

Nascido no Porto, em 17 de Maio de 1939. Licenciado em Direito pela Universidade de Coimbra.

Presidente do Conselho de Administração da Fundação Calouste Gulbenkian (2002), de que foi administrador desde 1996. Presidente do Conselho de Administração da Partex Oil and Gas (Holdings) Corporation. Desde 1996, presidente do Conselho de Auditoria do Banco de Portugal. Professor convidado da Faculdade de Economia e Gestão da Universidade Católica Portuguesa (Porto) desde 1998.

Vice-presidente do Centro Europeu de Fundações, presidente do Centro Português de Fundações, *trustee* da iniciativa «A Soul for Europe», presidente da Comissão Executiva do Projecto «Europe in the World» do EFC, *senador* do Parlamento Cultural Europeu e membro-fundador do Instituto Português de Corporate Governance.

Foi presidente da Comissão de Fiscalização do Teatro Nacional de S. Carlos (1980-1986), vice-presidente da Fundação de Serralves (1989-1990) e comissário-geral da Europália '91 (1989-1992).

No campo político, foi co-fundador e primeiro presidente da SEDES, secretário de Estado do Comércio Externo e Turismo (I Governo Provisório), ministro da Economia (II e III Governos

Provisórios), deputado (1976 e 1979), ministro dos Transportes e Comunicações (I Governo Constitucional), vogal do Conselho Nacional do Plano (1978-1979).

Foi director do Banco Português do Atlântico, consultor da Banque Franco-Portugaise, vice-governador do Banco de Portugal (1975-1985), presidente do Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa (1985-1986), director-geral da Comissão das Comunidades Europeias (1986-1989), presidente do Conselho de Administração da Caixa Geral de Depósitos (1989-1996) e presidente do Conselho de Administração da GALP ENERGIA, SGPS (2001-2002).

ANTÓNIO PINTO RIBEIRO

Nasceu em Lisboa. A sua formação académica foi feita nas áreas da Filosofia, Ciências da Comunicação e Estudos Culturais. É nestas áreas que tem desenvolvido o trabalho de investigação e de produção teórica publicado em revistas da especialidade. É professor-conferencista de várias universidades internacionais. A par da sua actividade de investigador e de professor, tem tido uma prática de programação artística e de gestão cultural, com a organização de vários programas e exposições nacionais e internacionais. Foi director artístico da Culturgest desde a sua criação, em 1992, até Abril de 2004. Da sua obra publicada, destacam-se: *A Dança da Idade do Cinema* (1991), *Dança Temporariamente Contemporânea* (1994), *Por Exemplo a Cadeira – Ensaio Sobre as Artes do Corpo* (1997), *Corpo a Corpo – Sobre as Possibilidades e os Limites da Crítica* (1997), *Ser Feliz é Imoral? – Ensaio Sobre Cultura, Cidades e Distribuição* (2000), *Melancolia* (romance, 2003), *Abrigos – Condições das Cidades e Energia da Cultura* (2004).

HOMI K. BHABHA

É o professor «Anne F. Rothenberg» de Literatura Inglesa e Americana, de Estudos Afro-Americanos e director do Centro de Humanidades na Universidade de Harvard, e professor emérito visitante de Humanidades na University College, em Londres. É autor do livro *The Location of Culture* (Routledge, 1994), editor da colecção de

ensaios *Nation and Narration* (Routledge, 1990) e está neste momento a trabalhar em *A Measuring of Dwelling*, uma teoria sobre «cosmopolitismo popular», a publicar pela Columbia University Press.

MARC FERRO

Doutor em Letras. Director de Estudos na École des Hautes Études en Sciences Sociales. Co-director da revista *Annales* desde 1970. Doutor *honoris causa* pelas Universidades de Moscovo, Bordéus e Santiago do Chile. Antigo professor do Liceu de Orão e da Escola Politécnica. Autor do programa *Histoire Parallèle* no canal de televisão ARTE (1989-2001). Autor de uma extensa obra, maioritariamente traduzida. Cronista do jornal *Le Monde diplomatique*.

MEHDI BELHAJ KACEM

Nasceu em Paris, em 1973. Passou parte da infância na Tunísia, acabando por regressar à capital francesa como emigrante, em 1990. Depois de uma primeira fase dedicada à literatura (publicou a primeira vez aos 21 anos), iniciou um percurso como investigador em Filosofia e, como disse Alain Badiou, «fora de toda a regulamentação académica», acabou por impor a sua voz. Na sua próxima obra, que prepara para publicação, propõe-se fazer uma reflexão inédita sobre o conceito de nihilismo e sobre a filosofia da História.

MIGUEL VALE DE ALMEIDA

Nasceu em Lisboa, em 1960, e estudou em Portugal e nos Estados Unidos. É professor associado com agregação no Departamento de Antropologia e investigador no Centro de Estudos de Antropologia Social, ambos no ISCTE. É director da revista *Etnográfica*. Realizou pesquisa etnográfica em Portugal, no Brasil e em Espanha, sobre questões de género e sexualidade, «raça», política da identidade e pós-colonialismo, tendo vários livros publicados em português e em inglês. Activista político e social, cronista e ficcionista, é autor de *Os Tempos que Correm*.

DANIEL MILLER

Professor de Estudos de Cultura Material no Departamento de Antropologia da University College, em Londres. É autor e editor de 24 livros, entre os quais *Material Culture and Mass Consumption* (1987) e *A Theory of Shopping* (1998). Dos seus trabalhos recentes destaca-se *The Cell Phone* (com H. Horst, Berg, 2006) e a edição da colectânea *Materiality* (Duke, 2005).

BERNARD STIEGLER

Nasceu em 1952, em Paris. É director do Departamento Cultural do Centro Georges Pompidou, em Paris, onde acaba de criar o Instituto de Pesquisa e de Investigação. Ocupou vários cargos de chefia de organizações políticas, culturais e de investigação, de entre os quais se pode destacar o de director de programas no Colégio Internacional de Filosofia. Como filósofo, é autor de uma extensa obra, sistematicamente traduzida, em que se podem destacar *La Technique et le temps* (6 vols., 1994-2001), *Passer à l'acte* (2003), *Aimer, s'aimer, nous aimer: Du 11 septembre au 21 avril* (2003), *Constituer l'Europe 1 et 2* (2005), *La Télécratie contre la démocratie* (2006) e *Lettre ouverte aux représentants politiques* (2006). *Philosophe par accident* (2004) é uma obra de iniciação ao seu pensamento.

PAUL GILROY

Nasceu em Londres, em 1956. É actualmente professor «Anthony Giddens» de Teoria Social na London School of Economics. Ensinau em numerosas universidades e as suas obras têm sido publicadas em muitas línguas. É conhecido como historiador da cultura do Atlântico Negro, bem como pelos seus textos sobre racismo e política.

ANDY C. PRATT

É docente de Economia Cultural Urbana na London School of Economics (Centro de Investigação Urbana/Departamento de Geogra-

fia), e especialista em Organização Social do Desenvolvimento Económico, Cidades e Espaço Económico. A sua investigação incide, actualmente, sobre os aspectos sociais dos processos económicos de aglomeração (instituições e redes), envolvendo trabalho sobre «políticas industriais, criatividade e inovação» e organização económica. Recentemente, passou a dedicar-se também ao estudo da «economia de reputação» e dos «aglomerados culturais».

PAUL D. MILLER

Diplomado pelo Bowdoin College (Maine, EUA), ficou também conhecido como DJ Spooky. É escritor, artista e músico. Vive e trabalha em Nova Iorque. A sua primeira obra — *Rhythm Science* —, publicada pela MIT Press em 2004, foi premiada. O seu trabalho tem sido exposto em museus de todo o mundo e apresentou-se já em contextos tão variados como a Tate Modern, o Museu Guggenheim ou Teatro Herod Atticus, na Acrópole, Grécia.

FILIPE DUARTE SANTOS

Licenciado em Ciências Geofísicas, pela Universidade de Lisboa, e em Física Nuclear Teórica, pela Universidade de Londres. É professor catedrático da Universidade de Lisboa e professor visitante das Universidades de Wisconsin, Carolina do Norte, Duke, Indiana, Surrey e Munique. Autor de mais de cem artigos científicos nas áreas da física nuclear, astrofísica, ciências do ambiente e alterações climáticas. Presentemente, dedica-se ao estudo da problemática das alterações climáticas e do desenvolvimento sustentável.

PEDRO MAGALHÃES

É investigador auxiliar no Instituto de Ciências Sociais (ICS) da Universidade de Lisboa e director do Centro de Estudos e Sondagens de Opinião da Universidade Católica Portuguesa. É licenciado em Sociologia pelo Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa (1993) e doutorado em Ciência Política pela Ohio State University

(2003). Desde 2001, é co-coordenador do programa de investigação «Comportamento Eleitoral dos Portugueses», do ICS.

ANTONIO CICERO

É autor dos livros de poemas *Guardar* (2002) e *A Cidade e os Livros* (2006), bem como do tratado filosófico *O Mundo desde o Fim* (1995) e do livro de ensaios sobre poesia e arte *Finalidades sem Fim* (2006). Junto com o poeta Waly Salomão, organizou o livro de ensaios *O Relativismo enquanto Visão do Mundo* (1994). É também autor de diversas letras de música, tendo parceiros como Marina Lima, Adriana Calcanhotto e João Bosco.

DANIÈLE COHN

É professora agregada de Filosofia e ensina Estética e Filosofia da Arte na École des Hautes Études en Sciences Sociales e na École Normale Supérieure. Especialista em Goethe e na estética alemã, traduziu e prefaciou *Écrits d'esthétique*, de Wilhelm Dilthey (1995), *Hercule à la croisée des chemins*, de Erwin Panofsky (1999), e publicou *La Lyre d'Orphée. Goethe et l'esthétique* (1999). Dirige nas Éditions Rue d'Ulm a colecção «AESTHETICA» e é membro do comité de redacção da revista *Critique*. É co-autora, com Fernando Gil e Paulo Tunhas, de *Impasses* e prepara actualmente um livro sobre a estética, as artes e o senso comum.

a urgência da teoria

FOI COMPOSTO EM CARACTERES
HOEFLER TEXT E IMPRESSO NA
GUIDE, ARTES GRÁFICAS, SOBRE
PAPEL BESAYA DE 80 GRS., NUMA
TIRAGEM DE 1000 EXEMPLARES,
EM SETEMBRO DE 2007.